

NOTAS SOBRE AS MUDANÇAS NA LÍNGUA PORTUGUESA: OS PORTUGUESES ESTÃO A FALAR “BRASILEIRO”?

NOTES ON CHANGES IN THE PORTUGUESE LANGUAGE: ARE THE PORTUGUESE SPEAKING “BRAZILIAN”?

Wallace Rodrigues ¹

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Resumo: As tecnologias digitais avançam a passos largos e fazem uso dos mais diferentes idiomas. Apesar de a língua inglesa dominar plataformas digitais, outras línguas tomam força, como é o caso da portuguesa. Neste artigo, objetivamos pensar sobre as mudanças das línguas no atual ambiente globalizado digital e como tais mudanças afetam pensamentos consolidados desde a colonização. Nossa pesquisa para este trabalho foi de natureza qualitativa e baseada em alguns textos científicos que consolidam nossa argumentação. Os resultados deste artigo revelam a natureza mutável das línguas e riqueza que se produz a partir dos contatos entre vertentes diferentes do mesmo idioma e até mesmo do contato entre línguas diferentes.

Palavras-chave: Brasileiro; Globalização; Línguas modernas.

Abstract: Digital technologies advance by leaps and bounds and make use of the most different languages. Although the English language dominates digital platforms, other languages are gaining strength, such as Portuguese. In this article, we aim to think about language changes in the current globalized digital environment and how such changes affect thoughts consolidated since colonization. Our research for this work was qualitative in nature and based on some scientific texts that consolidate our argument. The results of this article reveal the changing nature of languages and the richness that is produced from contacts between different aspects of the same language and even from contact between different languages.

¹ Pós-doutor pelo Instituto Politécnico de Lisboa - LIACOM/ESCS/IPL (2024-2025) e pela Universidade de Brasília – POSLIT/UnB (2018-2019). Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Licenciado em Educação Artística pela UERJ, com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins - PPGLLit/UFNT. Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins – GESTO, da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT - CAPES/CNPq. Membro do Grupo de Trabalho Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira - GT-ELIAB, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Linguística e Literatura (ANPOLL). Investigador colaborador do LIACOM/ESCS/IPL Portugal. CV <http://lattes.cnpq.br/5195497710570480> Lattes: ORCID: <http://orcidse.org/0000-0002-9082-5203>

Keywords: Brazilian; Globalization; Modern languages.

Submetido em 21/04/2025

Aprovado em 18/12/2025

Introdução

Vale começar informando que não existe um idioma “brasileiro”, mas muitos portugueses utilizam este termo para se referirem à variante brasileira da língua portuguesa. A grande maioria dos linguistas não veem o Português falado no Brasil como outra língua diferente daquela do Português europeu ou aquele das variantes africanas.

Este artigo nasce a partir dos vários vídeos que assistimos na plataforma YouTube sobre as crianças portuguesas que falam “brasileiro” na atualidade. Na verdade, a preocupação de muitos portugueses não conhecedores dos meandros da linguística veem com preocupação as crianças que têm contato constante com plataformas de influenciadores brasileiros utilizarem palavras e expressões usadas correntemente no Brasil.

Um dos comentários em um destes vídeos dizia que “os colonizadores agora são colonizados”. Isso faz pensar na longa história colonial de Portugal e como a língua portuguesa falada no Brasil, o que os portugueses chamam de “brasileiro”, acaba por influenciar os jovens consumidores de plataformas digitais em Português. Lembremos que a população brasileira falante de Português gira em torno de mais de 203 milhões de pessoas, de acordo com o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Acredita-se que haja, hoje em dia, cerca de 273 milhões de falantes da língua portuguesa no mundo, existindo muitas e distintas variantes de tal língua.

Não temos como negar a eficiências dos colonizadores portugueses como fixadores de seu idioma nos territórios coloniais ocupados. Isso se pode notar, entre

outros aspectos, pela disseminação da língua portuguesa pelos mais diferentes pontos do mundo.

Portanto, este artigo objetiva pensar sobre as mudanças que a língua portuguesa sofre entre suas variantes, trazendo o caso atual da influência da variante brasileira sobre a variante europeia. Isso, compreendemos, por causa da globalização e do intenso uso de plataformas digitais com material criado com a utilização da variante brasileira da língua portuguesa.

Nossa pesquisa para este texto teve um caráter exploratório a partir de questões da realidade atual. Nossa perspectiva é qualitativa e a natureza deste trabalho foi bibliográfico. Utilizamos, entre outros autores: Barbosa (1995); Behrens (2005); Guimarães (2005); Rodrigues (2017, 2023); Teixeira, Faria e Sousa (2014).

A LÍNGUA PORTUGUESA E SEU CARÁTER COLONIAL

Para falar da língua portuguesa da atualidade, temos que voltar aos séculos das grandes navegações (começando pelo século XV) e compreender que Portugal foi, então, uma grande potência marítima e colonial. Aqui não desejamos levantar questões de caráter demasiadamente crítico, como a escravidão dos negros africanos, a matança dos povos originários brasileiros ou a exploração desenfreada de recursos naturais das colônias, mas deixamos aqui nossa compreensão de que estes temas são importantes e devem ser discutidos. No entanto, nosso foco neste artigo é a língua portuguesa, suas variantes e suas influências em tempos de tecnologia digital num mundo globalizado.

Pensando no número de países que falam a língua portuguesa como idioma oficial na atualidade, temos: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Tais países formam a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que é uma organização internacional que tem como objetivo aprofundar a amizade e a cooperação entre os países da lusofonia. Pensemos há variações regionais em cada região onde se fala o Português, principalmente por influência das línguas anteriormente utilizadas naqueles locais.

Sabemos que cada variante de uma língua traz características lexicais próprias das relações com outras línguas, características fonético-fonológicas, morfológicas e sintáticas, entre outras. Mas isto não invalida as variantes de serem de uma mesma língua. Sabemos, também, que as variantes incorporam termos próprios utilizados por determinados grupos sociais.

Vale ressaltar que cada país lusófono fala variações da língua portuguesa e que existem variações e diferenças notáveis até mesmo dentro dos próprios países e em regiões diferentes. Esses países têm o Português como idioma oficial, mas também falam outros idiomas, principalmente aqueles ligados às minorias étnicas, como as mais de 200 línguas indígenas brasileiras, por exemplo. Em Angola, por exemplo, um extenso país africano onde o Português é o idioma oficial, fala-se também Kikongo, Umbundo, Kimbundo, Tchokwe, Nhaneca, Mbunda, Kwanyama, Fiote e Nganguela. Em Moçambique, que também tem o Português como idioma oficial, falam-se cerca de vinte línguas bantu, além de grupos que falam gujarati, híndi e árabe. Ou seja, a variedade de idiomas com os quais o Português “oficial” está em contato diário é imensa.

Ainda, quando chegaram ao Brasil, os portugueses se depararam com nomes já existentes em línguas indígenas para as marcações territoriais, como montes, montanhas, rios, lagoas, riachos e muitos outros para os elementos da flora e fauna brasileiras. Muitos destes nomes indígenas permanecem até hoje e são correntemente utilizados.

Rodrigues (2023, p. 86) dirá que o Português somente se torna obrigatório no Brasil em meados do século XVIII:

O tupi antigo foi, durante as primeiras décadas de ocupação portuguesa, a principal língua de comunicação entre indígenas (principalmente aqueles habitantes do litoral), europeus de vários países (holandeses, alemães, franceses etc.) e uma geração de brasileiros mestiços que começava a povoar o território nacional. Com o passar do tempo, o tupi antigo evoluiu para outras línguas, como o nheengatu (ou língua geral amazônica, falada até hoje em vários lugares, como São Miguel da Cachoeira/AM, por exemplo), mas acabou perdendo importância a partir de meados do século 18, quando o então primeiro-ministro português, Marquês de Pombal,

proibiu a utilização e o ensino do tupi no Brasil e decretou a obrigatoriedade do português como língua oficial.

Sobre as mais diversas variantes do Português e suas mudanças cotidianas, Rodrigues (2023, p. 86) diz-nos que:

A oficialização de uma língua num país não implica sua exclusividade, ao contrário, é tipicamente uma língua imposta em convivência recorrente e diálogos com muitas outras. Assim, o português se modifica cotidianamente em resposta à sua própria herança cultural e em contato com culturas “outras”, incorporando repertórios e padronizações locais. O que percebemos por português angolano, português brasileiro, português cabo-verdiano, português moçambicano etc. foram formados na diáspora colonial escravagista - transatlântica e além - em contato de relações significativas com os povos e as línguas locais de cada lugar.

Eduardo Guimarães (2005, p. 25) trata, também, das relações de contato e interferências entre a língua portuguesa no Brasil e as línguas dos imigrantes europeus (“falantes de alemão, italiano, japonês, coreano, holandês, inglês”), que começaram a chegar no Brasil a partir de 1818:

Enquanto língua oficial e língua nacional do Brasil, o português é uma língua de uso em todo o território brasileiro, sendo também a língua dos atos oficiais, da lei, a língua da escola e que convive, na extensão do território brasileiro, com um grande conjunto de outras línguas (de um lado as línguas indígenas e de outro as línguas de imigrantes). Por outro lado, enquanto língua nacional, o português é significado como a língua materna de todos os brasileiros, mesmo que um bom número de brasileiros tenham como língua materna outras línguas, ou indígenas ou de imigrantes.

Vale ressaltar que não podemos tomar uma forma de utilização da língua portuguesa em determinado lugar como correta e outra como errada, pois todas são variantes de uma língua colonial que nem mesmo os próprios portugueses falam hoje em dia. A língua portuguesa também sofreu diversas modificações, mesmo dentro do território português e sofreu também influências em contato com outras línguas europeias, como o Castelhana, o Galego, o Mirandês, para dar alguns exemplos.

Ainda, as relações assimétricas de poder entre o colonizar e os indígenas brasileiro (e, mais tarde, também os negros escravizados) fizeram com que a língua portuguesa acabasse por dominar todo o território brasileiro, até mesmo à cidade onde hoje é Colônia do Sacramento, no atual Uruguai.

Lembremos que a introdução da língua portuguesa nos territórios colonizados pelos portugueses funcionou como um importante mecanismo de poder colonial, entre tantos outros, unificando lugares a partir da língua. E isto fica claro no caso do Brasil, um país de língua portuguesa cercado por países de línguas de outros colonizadores, como a espanhola, a francesa, a holandesa e a inglesa.

Ana Mae Barbosa (1995, p. 59-60) relata-nos a falta de instituições de Ensino Superior no Brasil colonial e o uso de uma educação escolar tradicional religiosa trazida pelos portugueses ao Brasil:

Diferentemente dos outros países da América do Sul e da maioria dos países colonizados do mundo, depois de três séculos de dominação portuguesa, de repente nos vimos com o capital do Reino Português. Os anos anteriores de dominação tinham sido muito degradadores, com o, em geral, o foi a colonização européia. Proibidos de termos imprensa, escolas superiores e mesmo um ensino primário e secundário organizados, fomos domados pelos jesuítas e mesmo eles terminaram por ser expulsos do Brasil pelo poder central, configurado pelo Marquês de Pombal. Até aí a história é a mesma de qualquer país *descoberto* pelos europeus. Estávamos condenados à ignorância e a receber como habitantes os prisioneiros e os indesejáveis do país que nos dominava. Entretanto, em 1808, com receio da invasão por tropas de Napoleão Bonaparte, o Rei de Portugal transferiu o governo, a Corte, para o Brasil. Um país que vivia à margem se torna centro, o poder central e a colônia fundiram-se e confundiram-se. As decisões passaram a ser geradas na colônia que se mascarou de império, embora os interesses a defender fossem ainda os dos colonizadores.

Neste sentido, compreendemos que a história colonial portuguesa no Brasil trouxe-nos a língua portuguesa e suas instituições (escolas, universidades, imprensa, entre outras) de forma malplanejada e sem muitas perspectivas de desenvolvimento social, mas uma clara tendência de expansão cultural. Aqui no Brasil a língua portuguesa foi sofrendo influências das inúmeras línguas indígenas locais (cf. Rodrigues, 2023) e das várias línguas que trouxeram os africanos escravizados.

A partir das grandes navegações, os europeus começaram o movimento que temos hoje como globalização. O mundo tornou-se uma grande aldeia interligada por empresas aéreas que vão de uma ponta a outra do globo em quinze horas, ligando Sidnei a Londres, Rio a Paris, Pequim a Nova Iorque etc. As relações sociais, comerciais e financeiras foram reforçadas e agilizadas pelas tecnologias digitais e criaram um mundo inimaginável para os colonizadores do século XV. Nossas formas de vida foram radicalmente modificadas e hoje encontram-se baseadas nos meios digitais.

Divertimo-nos, nos comunicamos, fazemos negócios, estudamos etc. tudo de forma digital. A globalização da sociedade pós-industrial é digital e isso influencia, também, as mudanças nas línguas utilizadas ao redor do mundo. Somente como exemplo, vale ressaltar a grande utilização de termos em inglês no idioma holandês. Algo que vem se naturalizando e alterando as formas de escrita da língua holandesa. O inglês é, hoje em dia, a mais influente nos ambientes digitais da atualidade e coloca-se como um mecanismo de poder que pode influenciar culturas, podendo alterar padrões de comportamento e formas de falar. A língua portuguesa também não foge desta influência.

SOBRE O “BRASILEIRO” FALADO PELAS CRIANÇAS E JOVENS PORTUGUESES

Sobre o uso de palavras e expressões brasileiras, são os professores das escolas que trouxeram à tona tais observações de que as crianças e jovens portugueses estão a utilizar termos e expressões tipicamente brasileiras. Acostumados a lidar com o português europeu falado e escrito, professores e professoras foram os que notaram com maior velocidade estas mudanças no uso da variante europeia. Vale destacar que as escolas são os locais onde as crianças e jovens passam grande parte do dia e onde a globalização é notada com maior frequência.

Neste caminho, a escola não é somente um lugar de diagnóstico das questões relativas às mudanças linguísticas, mas também sociais e culturais, como acontece com as crianças e jovens que crescem no mundo digital e que nele se comunicam. É por

meio das tecnologias digitais que tais cidadãos em formação leem o mundo que os cerca, como diz Lúcia Teixeira, Karla Faria e Sílvia Sousa:

A internet e a pluralidade de linguagens que representam novas exigências de leitura no mundo contemporâneo, entretanto, não podem estar afastadas da escola e parece que ainda hoje se constituem em mistérios para práticas pedagógicas que antagonizam o que chamam de alta e baixa cultura. Fechando-se à novidade, a escola vai ficando cada vez mais distante do universo juvenil e mais afastada das reais possibilidades de tocar afetos e interesses do público estudantil, sobretudo dos ensinos fundamental e médio. (Teixeira; Faria; Sousa, 2014, p. 316)

Vale pensar que a criação de conteúdo em língua portuguesa se dá, em sua grande maioria, em sua variante brasileira. E, como dissemos, a tecnologia digital veio para ficar e modificar nossas formas de fazer as coisas.

Marilda Aparecida Behrens (2005, p. 76) fala-nos da importância da escola na era digital atual. O papel do educador passa a ser aquele que auxilia os estudantes a buscarem, selecionarem e utilizarem as informações digitais disponíveis e que podem servir como material de aprendizagens críticas:

Em parceria, professores e alunos precisam buscar um processo de auto-organização para produzir conhecimento significativo e relevante. O volume de informações acumulado nestas últimas décadas não permite abarcar todos os conteúdos que caracterizam uma área do conhecimento, portanto professores e alunos precisam aprender a aprender como acessar a informação, onde buscá-la, como depurá-la e transformá-la em produção de conhecimento. O profissional, para ser competente, precisa ser um investigador intermitente, um cidadão crítico, autônomo e criativo que saiba solucionar problemas, utilizar a tecnologia com propriedade e ter iniciativa própria para questionar e transformar a sociedade.

Tais mudanças paradigmáticas a partir da globalização e do uso de tecnologias digitais afetam as escolas e os professores que lidam com as normas ditas “cultas” das línguas, o que acontece com o português europeu ensinado nas escolas portuguesas. Há uma necessidade da escola abarcar um novo paradigma (que Behrens chama de

“emergente”) sobre as mais variadas ciências, incluindo a língua, para que os estudantes condigam produzir seus próprios conhecimentos:

A exigência de tornar o aluno um competente produtor do seu próprio conhecimento implica valorizar a reflexão, a ação, a curiosidade, o espírito crítico, a incerteza, a provisoriedade, o questionamento e, para tanto, exige que o professor reconstrua a prática conservadora que vem desenvolvendo em sala de aula. Os ambientes educativos devem ter como foco central a autonomia, a criatividade e o espírito investigativo. Com esse desafio presente, o professor precisa optar por metodologias que contemplem o paradigma emergente, a partir de contextualizações que busquem levantar situações-problema, que levem a produções individuais e coletivas e a discussões críticas e reflexivas, e, especialmente, que visem à aprendizagem colaborativa. (Behrens, 2005, p. 77)

Neste caminho, tomamos com naturalidade as relações entre as muitas variantes da mesma língua, como no caso das influências da variante brasileira sobre a língua portuguesa falada nos muitos países africanos lusófonos. Este movimento começou com as novelas televisivas e hoje em dia toma a forma de produtos das tecnologias digitais.

Com a utilização digital da vertente brasileira da língua portuguesa, entram em cena as palavras assimiladas por contato com os indígenas e escravos africanos, pois há no Brasil um conjunto importante de palavras de origem indígena (principalmente do tupi) e de línguas africanas, além de palavras ligadas a religiões e maneiras de executar atividades laborais. Guimarães (2005, p. 27) dá-nos alguns exemplos:

Exemplos de palavras de origem indígena: capim, cupim, caatinga, curumim, guri, buriti, carnaúba, mandacaru, capivara, curió, sucuri, piranha, urubu, mingau, moqueca, abacaxi, caju, Tijuca, etc. São, em geral, palavras relativas à designação da flora, da fauna, de alimentos, assim como de lugares. Exemplos de palavras de origem africana: caçula, cafuné, molambo, moleque; orixá, vatapá, abará, acarajé; bangüê; senzala, mocambo, maxixe, samba. São, em geral, palavras que designam elementos do candomblé, da cozinha de influência africana, do universo das plantações de cana, do universo de vida dos escravos, e mesmo outros de aspecto mais geral.

Assim, as assimilações, mesclas, introduções, retiradas etc. de palavras ou termos de um idioma refletem que ele está em constante movimento e que isto é uma

riqueza e dessa forma deve ser encarado. Rodrigues (2017, p. 688, *itálico do autor*) fala-nos que conhecer o “diferente” acaba por nos enriquecer, pois sempre devemos considerar “a diferença como a grande riqueza dos seres humanos, pois somente nos conhecemos através das diferenças, através da contraposição entre nós e os outros seres humanos. Assim, conhecer o *diferente* leva a conhecer-nos a nós mesmos.”

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto buscamos acalmar os ânimos daqueles portugueses que pensam que as crianças e os jovens portugueses que utilizam palavras e expressões brasileiras em seu dia a dia estão a deixar de falar o português europeu e estão se “abrasileirando”. Não há o que se preocupar quanto a isto, pois as línguas estão em constante mudança e os falantes a modificação de acordo às suas necessidades de utilização.

Quero acreditar que esta “preocupação” não seja algum tipo de preconceito em relação à variante brasileira da língua portuguesa, mas um “medo” de perder suas identidades lusitanas nas formas de falar, já que o mundo globalizado e das tecnologias digitais nos força a mudar nossas vidas de forma cotidiana.

Por outro lado, não temos como modificar os tempos e pensar que as mudanças impostas pelas tecnologias digitais não estão aí. Temos que nos adaptar ao tempo em que vivemos e os tempos são de mudanças radicais em nossa forma de viver e de estar no mundo. Nossos costumes, mesmo aqueles mais tradicionais, sofrerão alguma forma de “atualização”, gostemos nós destas atualizações ou não.

Também, compreendemos aqui a escola como um termômetro das modificações em nossas vidas sociais e em nossos costumes cotidianos. E esta mesma escola não pode ser preconceituosa, mas deve tentar encontrar formas de acolher a diferença, mesmo que ela ocorra em algo tão sensível para os portugueses: a língua.

Neste caminho, a variante brasileira da língua portuguesa coloca-se com força nas plataformas digitais e os criadores brasileiros de conteúdo digital são em muito maior número do que os portugueses, angolanos, moçambicanos, timorenses etc.

Portanto, hoje em dia, o Português falado no Brasil é a variante mais utilizada desta língua no mundo das tecnologias digitais. E como estamos em um mundo globalizado e onde o acesso à internet é uma constante, a variante brasileira acaba por ser a mais utilizada. Se temos aproximadamente 273 milhões de falantes língua portuguesa no mundo e 203 milhões são de brasileiros e brasileiras, temos, portanto, 74% dos falantes de Português somente no Brasil.

Por fim, vale lembrar que a riqueza desta vida está na mudança, pois nada é hoje como foi ontem e tentar se conservar da mesma maneira no tempo não vai adiantar muita coisa. Com isto, não estamos dizendo que as pessoas devem mudar radicalmente suas vidas, mas aceitarem que as mudanças acontecem e que elas vêm para auxiliar-nos a enxergar que “tudo muda o tempo todo no mundo”, para citar o compositor brasileiro Lulu Santos em “Como uma onda”.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação pós colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. *Comunicação & Educação*. USP, n. 2, p. 59-64, 1995.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. Tecnologia interativa a serviço da aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: *Tecnologias na escola*. Brasília, DF: MEC, SEED, 2005.
- GUIMARÃES, Eduardo. A língua portuguesa no Brasil. *Ciência e Cultura*. SBPC, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 2-28, Apr./Jun. 2005.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2022*. Brasília, 2022.
- RODRIGUES, Wallace. Desconstruindo discursos de diferença na escola. *Educação e Realidade*. UFRGS, vol. 42, n. 2, p. 687-706, 2017.
- RODRIGUES, Wallace. Notas sobre as relações entre a Língua Portuguesa no Brasil e o Tupi em tempos de tecnologia digital. *Littera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. UFMA, v. 14, n. 28, p. 84-96, 30 Dez. 2023.
- TEIXEIRA, Lúcia; FARIA, Karla; SOUSA, Sílvia. Textos multimodais na aula de português: metodologia de leitura. *Desenredo*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 10, n. 2, p. 314-336, jul./dez. 2014.